

Notas Editoriais

Luiza E. Tomita

Este número de *Mandrágora* traz textos, não apenas em português, mas também em espanhol, numa quantidade considerável, manifestando nosso desejo de torná-la, de fato, uma revista de penetração latino-americana. Além disso, esta *Mandrágora* é produto de uma longa reflexão que começou com um curso feito por nossas participantes em *Con-Spirando* (Santiago do Chile), em fevereiro de 1996, seguido por um seminário de nosso Núcleo de Estudos (NETMAL) em setembro de 1997 e de um curso intensivo ministrado por Ivone Gebara, em nossa Pós-Graduação em Ciências da Religião em 1998.

Nosso interesse pelo tema começou com uma visita ao Brasil da conhecida teóloga feminista norte-americana Rosemary Radford Ruether, uma das pioneiras neste debate, quando, no ano de 1995, ela proferiu uma importante palestra sobre o tema, no auditório da PUC São Paulo.

No que se refere aos rituais ecofeministas, o coletivo *Con-Spirando* tem sido nossa inspiração, pois estes parecem definitivamente incorporados à liturgia feminista, através dos inúmeros símbolos, que trazem a natureza e elementos do cotidiano para nossas celebrações. Isto significa que a relação com o sagrado acontece para nós todos os dias: seja em nossa experiência individual do cotidiano ou na coletiva como agentes de transformação.

O discurso ecofeminista, desde o início, mostrou-se muito atraente, pois desvelava de um outro ângulo, os aspectos simbólicos que legitimam a dominação da mulher, além de chamar a atenção para outra questão candente, que é a luta pela sobrevivência do ecossistema. De alguma forma, as mulheres se sentiram muito tocadas por essa relação entre a dominação de gênero e a dominação da natureza, em especial nos países da América Latina, onde a exploração da natureza: rios, matas, animais, está tão intimamente ligada à exploração dos empobrecidos, em especial, das mulheres, indígenas e crianças.

Entretanto, esta relação escondia uma espécie de armadilha: a ênfase ecofeminista na relação mulher/natureza, que acabou destacando um tipo de associação essencialista, redundando no chamado "feminismo da diferença". Este só serviu para reforçar os estereótipos que conferiram historicamente à mulher um papel social secundário. O/a leitor/a poderá conferir este debate crítico e epistemológico na primeira e terceira partes de nossa revista. Na segunda parte temos uma reflexão do ponto de vista de duas culturas diferentes: a afro-caribenha e a coreana, passando depois para experiências e um debate em seminário do NETMAL, concluindo com uma entrevista da teóloga Ivone Gebara, que muito tem contribuído para a reflexão teológica feminista e ecofeminista em nosso país.

Creio que a leitura é desafiante, pois mostra vários aspectos do ecofeminismo e como cada uma das/os autoras/es coloca a questão e, assim, convidamos a todas/os para nos acompanharem nesta interessante tarefa de percorrer os diversos textos e saborearem mais esta *Mandrágora*.

Boa leitura!